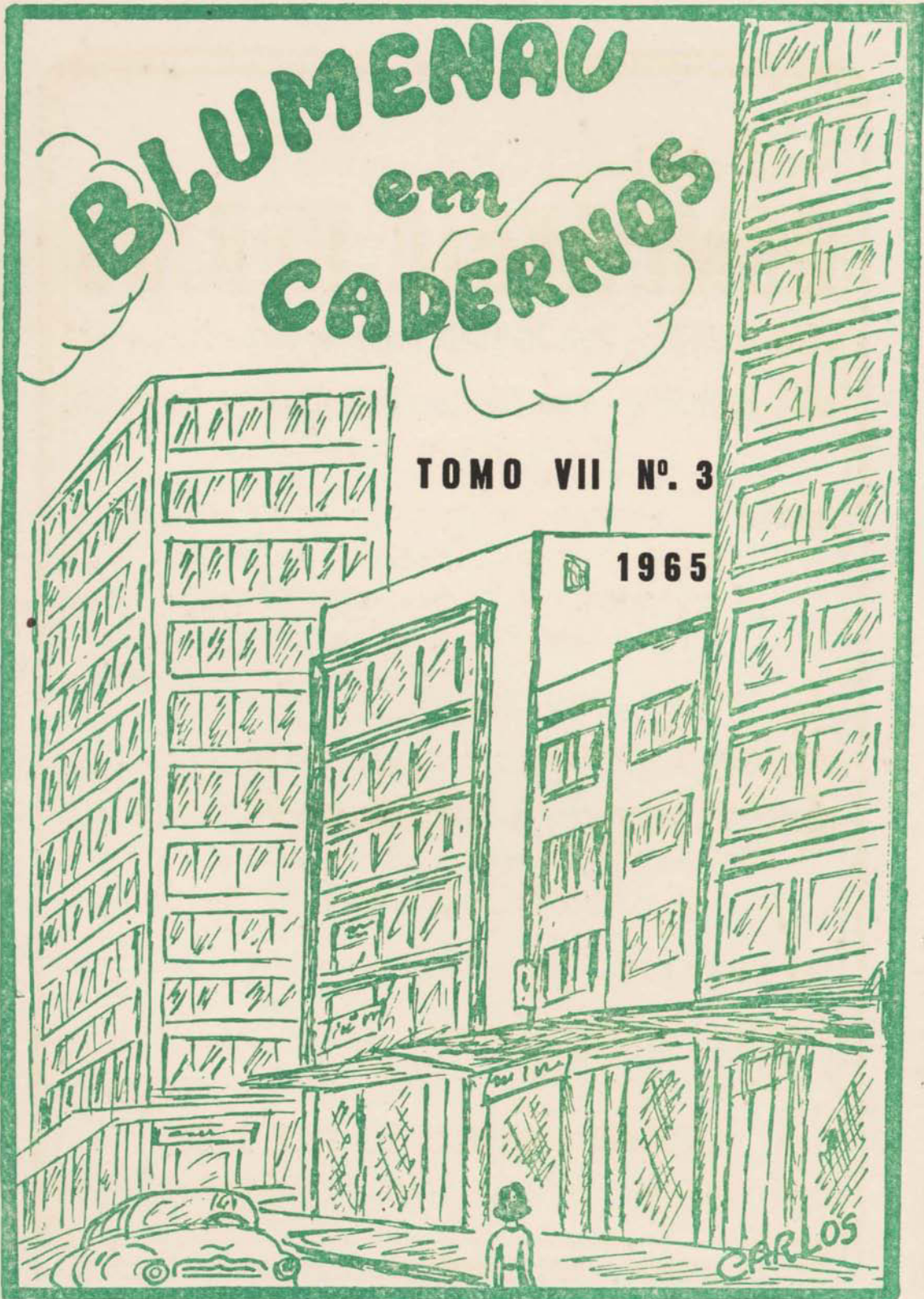


BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII Nº. 3

1965



Agora com duas LOJAS à sua disposição:

LIVRARIA E GRÁFICA DO VALE LTDA.

LOJA QUINZE - Rua 15 de Novembro, 992 - Fone, 1723

LOJA FLORIANO - Rua Floriano Peixoto, 31 - Fone, 1551

(ABERTA ATÉ AS 22 HORAS)

LIVRARIA — O MAIOR SORTIMENTO DE LIVROS EM LÍNGUAS, POTUGUÊSA, ALEMÃ, E INGLÊSA.

DEPOSITÁRIOS da “DBG-ASSOCIAÇÃO DO LIVRO LTDA.” (DEUTSCHE BUCH-GEMEINSCHAFT)

REVISTAS - FIGURINOS

PAPELARIA — MATERIAL DE ESCRITÓRIO, Artigos Escolares.

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIOS — DISTRIBUIDORES DAS FAMOSAS MARCAS *FACIT E PRECISA*. COFRES, ARQUIVOS, FICHÁRIOS, MÓVEIS DE AÇO.

TIPOGRAFIA — IMPRESSOS EM GERAL.

FÁBRICA DE ETIQUETAS EM RELÊVO - *Etiquetas em relevo em papel alumínio ou branco, para colar ou pendurar.*

LIVRARIA E GRÁFICA DO VALE LTDA.

Caixa Postal, 601 - Telegr.: «LIVALE» - BLUMENAU - S. C.

BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII



N.º 3

MEMÓRIAS DE FIDES DEEKE

(Conclusão)

Mas, o pior foi que entre a crista do morro, onde nós estávamos, e a outra serra, havia uma grota, quase tão profunda como a subida que acabamos de galgar. Para que lamentar? O remédio era descer novamente e, depois, subir o duro aclone.

Finalmente, alcançamos o alto da serral! Estávamos no «Campo dos ILHÉUS».

A água corre aí em direção contrária, tendo-se a impressão, a princípio, de ela estar correndo morro acima.

A marcha continuava, agora pela «Picada de Lajes».

Chegando no Rio Canoas, onde havia outra cheia, e as águas inundavam as florestas de ambas as margens, ganhamos a primeira refeição de carne. Contaram-nos os soldados que serviram a mesma, que, naquele dia, seriam servidos apenas os oficiais, enquanto eles mesmos ganhariam somente no dia seguinte e soubemos mais que, há onze dias, os pobres diabos não receberam comida suficiente; repartimos então tanto a carne como o pão que acompanhou a refeição.

Antes tivéssemos dado tudo a eles, pois só com nojo ingerimos a carne quase crua, apenas aquecida, pois tôda lenha estava molhada, e no chão úmido era impossível manter vivo qualquer fogo.

No dia seguinte atravessamos o rio Canoas. Primeiro fêz-se passar o rio Canôas a nado, os animais, enquanto a passagem do contingente e das armas foi procedida em duas canoas frágeis e estreitas. Devia um piquete esperar as águas baixarem, para atravessar o rio num passo raso.

O nosso amigo F. Gustavo Schmidt, comandante da nossa artilharia soube resolver, entretanto, o problema. Mandou ligar as duas canoas por pedaços de madeira, e colocar os canhões com uma roda em cada canôa.

No transporte do segundo canhão, por azar, desprendeuse o fêcho de carregar esta arma caindo n'água bem no meio do rio. Schmidt não desanimou. Mandou amarrar, numa corda grossa, um gancho grande, de cinco pontas. Ordenou que subissem o rio e descessem então sôbre o local, onde

a peça caíra, arrastando êste «anzol» sôbre os fundos, até pegar a prêsa.

Milagrel Por incrível que pareça, logo na primeira passagem os ganchos prenderam-se à argola da tampa, que foi trazida à tona.

No 2.º dia da nossa jornada, chegamos às proximidades de Lajes. Os últimos dias haviam sido sobremaneira cansativos para nós. Logo no alto da serra meu irmão perdeu seu animal de montaria. A mula parou, negando-se a andar, relinchando ininterruptamente. Fizemos as mais diversas experiências. Mas tudo em vão. Tiramos sela e carga, deixando-a solta. Mas ela ficou parada, soltando um rinchar agoniado, que ainda escutávamos, quando já estávamos mais longe.

O nosso cavalo de carga, já sobrecarregado, transportava, agora ainda a sela e alguma carga da montaria perdida de Caetano, e êste marchava a pé.

Foi num domingo à tarde, quando nos disseram: «mais um pedaço e estaremos em Lajes»!

Havíamos aguentado justamente uma trovoadas com forte aguaceiro e completamente molhados, pisávamos o campo sem terreno sólido.

Durante a marcha serra acima, não puderam ser mantidos os diversos batalhões na sua formação correta. Quem firmava o pé no caminho, era empurrado adiante, sem possibilidade de retôrno, ou de espera de seus companheiros de formação. Mais de trezentas pessoas, com número igual de animais de montaria e de carga, avançando num desfiladeiro estreito, margeado de florestas com densos bambusais, ou à beira de águas, rios turbulentos, ou áreas alagadas, contínuas chuvas fortes como trombas d'água e o calor além dos 32º como poderia ser mantida a ordem regulamentar da marcha?

Nêste local, perto de Lajes segundo constava, juntamo-nos nós blumenauenses de novo.

Após uma jornada de algumas léguas de distância chegara ao nosso encontro o Coronel Vidal Ramos Júnior, tendo cumprimentado muito especialmente, a nós, blumenauenses, tendo oferecido uma de suas casas, para hospedarmo-nos na mesma. Era êle, nesta época, superintendente de Lajes, e, como legalista, correligionário nosso. O compasso de nosso avanço era, naturalmente, para êle muito vagaroso, assim, após curta demora em nossa companhia, partiu êle, junto com os seus acompanhantes, em ligeira cavalgada de retôrno a Lajes.

Quando no decorrer da tarde informaram que, agora, dentro de pouco tempo estaríamos às vistas da cidade, tivemos de parar. O Dr. Paula Ramos pretendia calçar as suas botas. Os seus outros calçados como os dos outros componentes da divisão não haviam resistido às intempéries. Não disposto a sujeitar-se ao incômodo das botas de cano comprido, deixara-as guardadas nas bruacas. Agora, sentado, na campina molhada, assistida pelos amigos, após esforços infrutíferos, desistiu do propósito de calçá-las. Suando em bicas, êle praguejava xingando-nos de amigos ingratos, pois a calamidade não deixava também, de ser gozada. Os pés estavam inchados, as meias molhadas e as botas, nestas circunstâncias, pequenas demais. Amarrou-as atrás de si, na sela e seguimos a marcha. O tempo ia passando. O relógio

marcava 5, 6, 7, 8 horas - e nem sinal das proximidades de Lajes.

Eram 11 horas da noite quando, finalmente, entramos naquela cidade serrana.

Graças a Deus que ninguém nos viu, pois todos estavam dormindo. Mesmo ao contrário como não existisse iluminação pública, não poderiam os habitantes daquela cidade ver o estado deplorável da nossa formação nesta chegada.

Apeamos numa casa que antes era hotel, o único. O ambiente ficou apinhado de oficiais. Cada um procurou acomodar-se, o melhor possível, em cima de sua sela e pelegos. Extenuados de fadiga e cansaço, também dormimos. Não havíamos conseguido comida, mas serviram-nos uma xícara de café.

No dia seguinte fizemos nossa visita ao Cel Vidal Ramos Junior, que realmente pôs uma de suas casas à nossa disposição, onde para cada um de nós blumenauenses, havia até uma cama confortável. As refeições ofereceu-nos outro correligionário, cujo nome se não me falha a memória era Carvalho.

Foi-nos servida carne, em grandes travessas, além de sôpa, pão e batatinhas. Tudo desapareceu com incrível rapidez, e ninguém acanhou-se em raspar os pratos até não aparecer mais qualquer vestígio de comida. Estávamos esfomeados após tantos dias de prolongados jejuns involuntários, esforços físicos na nossa viagem e, principalmente, o ar saudável da serra estimula o apetite.

Quando após dias, a fome e o apetite não diminuíram, começamos a envergonhar-nos perante nós mesmos, como, principalmente sentir vergonha diante de nossos anfitriões. Entre as refeições colhíamos ainda as maçãs das chácaras abandonadas dos proprietários federalistas, e Caetano e eu comemos até as peras verdes do pomar nos fundos do quintal do Cel. Vidal Ramos Júnior.

Todos estavam de acordo que devíamos resolver o caso de outra maneira.

Como era eu o único que havia levado dinheiro, 500\$000, êles restituir-me-iam os gastos neste sentido. Consegui persuadir o proprietário do hotel a reabrir, pelo menos, o serviço de restaurante. Adiantei-lhe 100\$000 para as compras necessárias, e passamos a fazer então as refeições aí.

No primeiro dia a comida foi abundante, mas logo a notícia se espalhou, e com a comida feita para nós seis, foram servidos 20 ou 30 oficiais efetivos, que começaram a aparecer à hora das refeições.

No decorrer dos primeiros dias tudo estava regular e o proprietário preparava um boi inteiro para cada refeição.

Logo no segundo dia depois da chegada a Lajes, haviam roubado os nossos onze cavalos do pasto, fato que levamos ao conhecimento do General convictos de os ladrões serem os próprios soldados.

O caso não impressionou, mas foi dito que aguardássemos com paciência a primeira leva de cavalos que viriam a substituir os cavalos que serviam de montaria e as bestas. E mesmo quando dias depois os soldados

trouxeram uma tropa de cavalos e muares, nós, os blumenauenses tivemos o privilégio de em primeiro lugar poder escolher para cada um um cavalo de montaria e uma besta de carga. Nós aproveitamos a estadia em Lajes para costurar um tóldo enorme que chegou a ser o maior da divisão. Comprei ainda panelas, alguns mantimentos, uma sela etc.

Partindo finalmente de Lajes, tomamos o rumo para o sul. Mal eu havia encilhado a minha bonita mula, quando chegara a hora de partir. Montei, e, em longas fileiras, saímos da cidade.

Fora da cidade numa baixada recoberta de matagal, a minha mula deu repentinamente um salto enveredando para dentro do «capim vassoura», dando pulos grotescos e coices. Não havia meio de fazê-la parar. O capim chicoteava e cortava meu rosto de modo que resolvi aguentar-me na sela e, inclinando-me muito sôbre o animal, evitar o mais possível os arranhões no rosto

Conjetei, nesta situação crítica e ridícula qual seria o fim desta corrida. Inesperadamente, entretanto, assim como a corrida começara ela também terminara. O animal alcançou novamente o caminho, e surgiu, em louca disparada no meio do contingente em marcha. Todos me olharam surpresos, mas a mula começou a andar com naturalidade, e eu fingi o mesmo estado de espírito, e tratei de encontrar o meu batalhão e os meus compaheiros.

A um dia de distância de Lajes, havia-nos alcançado um mensageiro do Paraná, do Comandante, cercado com suas tropas pelo inimigo em Lapa. Mandou êle ao nosso general esta notícia, dizendo estar em condições para manter-se apenas mais umas quatro semanas, e pediu auxílio.

• Como a nossa divisão quase não dispunha mais de munição, não podia o general expô-la ao risco de tal empreendimento. Devíamos continuar a marcha ao sul, ao encontro do carregamento de munição, que de Pôrto Alegre nos seria enviado.

O calor foi insuportável e quase tôda a tarde caiu um forte temporal.

Sempre continuou a divisão em marcha até que o aguaceiro terminou, quando todo mundo estava completamente encharcado. Eu possuía uma boa capa de borracha, e botas de cano comprido, mas, os meus companheiros tinham apenas o seu pala que, contra chuvas torrenciais, pouco adiantava. Além do mais, as selas e os pelêgos que constituíam as nossas camas ficaram completamente molhados. Quando, então, finalmente pousamos, o solo turfoso estava tão encharcado que mal se conseguiam firmar as estacas de armação das barracas.

Armadas as barracas, restaram várias horas do dia, aproveitadas apenas para passeios através dos campos e capões, onde colhemos e comemos frutinhas silvestres, geralmente verdes e azêdas, como sôbre-mesa da refeição de carne sêca.

Fazendo-se notar nossa estranheza em relação a êste horário - marcha com calor e chuvas; repouso nas horas mais frescas do dia, esclareceram os oficiais efetivos que o general estabelecia assim, em favor do estado de higiene do contingente. Conseguir banhos regulares dos soldados era tarefa difícil. Assim durante as marchas sob chuvas, eram lavadas as roupas e os corpos de todos, adeptos ou não dos banhos forçados, para evitar moléstias

ocasionadas por falta de higiene.

Assim, continuamos em marcha lenta, rumo ao Sul. O nosso batalhão fôra transferido da Terceira Brigada para a Sexta.

Agora, diàriamente chegavam bois e cavalos requisitados para a nossa Divisão.

Quando chegamos às margens do rio Caveiras, que corre por uma região montanhosa e transbordara em consequência dos temporais diários, acampamos ali durante alguns dias para esperar a baixa das águas que, nesta região, formam violenta correnteza, existindo, para a passagem do rio, apenas, duas canoas

Dêste acampamento, constam os seguintes apontamentos, no meu livro de notas:

21/1/94 - Armamos o nosso acampamento na encosta de morros altos, que formam as margens do rio Caveiras. Mal se pôde encontrar lugar adequado para erguer-se uma tenda, no entanto, mais de 3.000 homens ali acamparam sem grandes reclamações nem resmungos.

Nós, vindos do litoral, e acostumados aos matos, escolhemos um capão próximo, amarrando o tóldo entre os troncos de dois enormes pinheiros, o que, aliás, não era permitido e, em breve, convencemo-nos de quão acertada era essa proibição.

Na segunda noite da nossa permanência ali, armou-se rapidamente um temporal. Já durante o dia caíra um pesado galho, cuja ponta se fincara profundamente no chão, bem junto ao nosso tóldo. Examinando, então as copas dos pinheiros, verificamos que entre a sua ramagem havia outros galhos soltos. Ficamos de olho neles para que, numa queda eventual, não fôssemos atingidos por algum. Mas quando começou a soprar violentamente o tuão, já noite escura, corremos para a barraca de um companheiro, nosso ajudante João Alves que, velho e experiente em campanhas, instalara-se longe de qualquer arvore. Mal havíamos saído da barraca quando ouvimos o estrondo de um galho que tombara e que, por sorte, o vento atirara para além da nossa tenda. Só voltamos à nossa barraca depois que o tempo serenou.

No dia seguinte, às 8 horas da manhã, levantamos o acampamento. Foi tocado o «reunir», formando todos, inclusive as ordenanças dos oficiais. A nossa Brigada avançou monte acima, em direção ascendente, até chegar ao cume, onde havia vasta planície.

Ali, aos poucos, tôdas as Brigadas se juntaram, manobrando-se até que formassem um enorme quadrado, deixando um vão aberto em um dos seus lados. O general, então, entregou ao ajudante uma «Ordem do dia», recomendando a todos que a ouvissem bem atentos. Todo mundo ficou em sobressaltada expectativa, curioso por saber do que se tratava.

O oficial leu, em seguida, em voz alta, a sentença contra o Capitão Cardoso, condenado por diversos crimes (de indisciplina, falta de autoridade etc) pelo Tribunal de Guerra, a ser fuzilado.

O condenado, levemente amarrado, entre uma escolta de 16 homens armados, escutava, sereno, a sua sentença.

Devo confessar que fui presa de profunda emoção e, assim também entre os demais não havia um único cujas feições não exprimissem grande compaixão.

Terminada a leitura, o condenado pediu a palavra, que lhe foi concedida pelo general.

Seu discurso foi curto: «Senhor general. Eu bem sei que V. Excia. nada poderá alterar desta sentença. E mesmo não é isso que vou pedir. Sou o único arrimo de minha pobre mãe, que vive no Rio Grande. Peço-lhe que providencie para que a mesma seja amparada».

«As providências serão tomadas», foi a incisiva resposta do general, ao mesmo tempo que fazia sinal para que a execução fôsse procedida.

O condenado titubeou um instante, como se quizesse ainda dizer alguma coisa, mas refez-se logo, e caminhou com passo firme na direção indicada.

Um oficial mediu a distância e o condenado contou os passos junto com aquê. Um pelotão de quatro homens foi escolhido para executar a sentença.

O capitão condenado era homem solteiro de 28 anos de idade, de estatura alta e traços simpáticos. Usava um chapéu cinzento, de abas largas, que êle tirou da cabeça e, abanando-o gritou com voz firme: «Viva a República!»

Seguiu-se a voz de comando do oficial da execução: «Preparar! Carregar! Apontar! Fogo!»

Ecoaram os tiros. O capitão caiu para trás agonizando, mas ainda dizendo nitidamente: «Ai Jesus! Viva a República!»

O alferes aproximou-se dêle e deu-lhe no ouvido o tiro de misericórdia.

Começara a cair uma chuva miúda. Toda a Divisão, puxada pela Banda de Música, teve de desfilar pela esquerda do corpo do executado.

Foi uma cena horrível e cada um fazia o seu comentário. Muitos achavam que, se êle mereceu ser fuzilado, havia outros oficiais, até de mais alta patente que haviam incorrido nos mesmos crimes, sem que nada lhes acontecesse. Eram tão culpados como o pobre que perdera a vida. Outros e eram a grande maioria - achavam a execução justa e merecida e que foi bem não se ter concedido clemência. Todos, porém lamentavam, pesarosos, a sorte do companheiro.

Na noite daquele mesmo dia, contou-nos o nosso ordenança, José Alves, velho militar natural da Bahia, que o major do nosso Batalhão se encontrava doente e que êle, Alves, lhe desejava a morte, porque o major era um homem mau, tendo assassinado dois homens, cujas famílias fiaram na maior miséria (O major realmente faleceu uma semana depois). Alves afirmou que, em tôda a Divisão, muito poucos havia que não tivessem cometido, pelo menos um assassinato.

Êle mesmo, também, já estivera na cadeia, pois, na guerra do Paraguai, durante um jôgo, dera umas facadas num desafeto. O homem não morrera e êle, mais tarde, fôra absolvido.

Na mesma noite, recebemos na nossa barraca a visita do capitão-fiscal interino do nosso Batalhão. Este também contou-nos, espontaneamente episódios obscuros da sua vida. Entre êles, constam episódios que o haviam constringido a eliminar dois vizinhos seus, tendo êle estado homiziado durante algum tempo, até a absolvição pelo júri.

Esse «capitão-fiscal», entre outros predicados, tinha o de ser analfabeto. Grande parte, aliás, dos oficiais não era de carreira, e muitos dêles não sabiam escrever, rabiscando, apenas o nome.

Constava, entretanto, também que os formados não eram tão corretos como deviam e que até o comandante do nosso batalhão já mandara eliminar dois homens. Este caso não fôra sem razões justas, pois os dois haviam se rebelado contra êle e, se levados a conselho de guerra, teriam tido o mesmo destino.

O conhecimento de tais fatos, entretanto, tirou-me tôdas as ilusões. Fiz tudo para não saber mais nada da vida particular dos outros, nem dos cochichos sôbre casos ligados a êsses «heróis» para não me influenciar e nem me impressionar com êsses atos negativos, e, assim, diminuir o meu reconhecimento e a minha admiração por êles a que, como combatentes, tinham direito, pois, tinham méritos incontestáveis.

Do rio Caveiras, em cuja passagem morreram cinco homens afogados e uns tantos cavalos, atravessandô o Rio Pelotas, que faz limite entre o Rio Grande e Santa Catarina, ingressamos no primeiro dêsses estados e avançamos rumo a Vila Velha.

De lá, retornamos em direção nordeste, chegando outra vez até às proximidades da fronteira com Santa Catarina.

Ali, na vizinhança de Vila Bela, cidadezinha muito linda, bucôlicamente localizada no alto de uma ondulação, deu-se o encontro da Divisão Norte com piquetes do contingente do Coronel Salgado que, nesta época, havia subido a região serrana retornandô de Laguna e Tubarão.

Estavam os adversários entrincheirados no alto de uma colina, por uma extensão de 3 quilômetros, mais ou menos, abrindo fogo, à grande distância, sôbre a vanguarda da Divisão Norte.

Sob o fogo fraco dos federalistas, venceram as tropas a subida, o que sempre custou algumas horas.

Chegando ao alto, verificamos que os federalistas haviam abandonado as suas fortificações.

O general Lima decidiu não empreender nenhuma manobra de perseguição, mas sim retirar-se lentamente para esperar antes de entrar em luta aberta, o grande carregamento de armas e munições, esperado de Pôrto Alegre, e também, para atrair os federalistas da região íngreme, onde se encontravam, mais para o sul, para os campos abertos.

Dias depois chegamos novamente a Vila Bela, onde foi determinado o acampamento à beira de um pequeno rio. As barracas foram armadas e, em frente de cada uma, ardia uma fogueira, espalhando um calor acolhedor. Ficamos encantados com a beleza daquela paisagem. Os últimos raios de sol envolveram em vivo colorido a linda cidade na nossa frente, no alto da colina, e a vista harmoniosa produziu em todos uma sensação de bem

estar incomum.

Súbitamente ouviu-se do Quartel General o sinal «Para quem quizer», acrescido de um outro, que nós não entendíamos. O sinaleiro do nosso Batalhão que como os de todos os demais, repetira o mesmo, explicou-nos, então que o sinal era a ordem de partida para o 29º Batalhão, no qual eu e meus amigos estávamos integrados. O tenente Cel. Pimenta não estava na sua barraca, havia sido chamado à presença do General.

Mesmo que sentíssemos pena de partir neste momento, desmontamos, às pressas, as nossas tendas, pegamos e ensilhamos os cavalos de montaria, arrumamos as bruacas e carregamos as bestas de carga. Tudo estava de prontidão, quando o nosso comandante surgiu, cavalgando a galope. Dispensou os maiores elogios a oficiais e praças pelo pronto atendimento do sinal. Comunicou-nos, então, que o Batalhão recebera a incumbência de recolher o há muito esperado carregamento de munição, que vinha de Pôrto Alegre, devendo locomover-nos, o mais depressa possível pelos caminhos mais curtos, à «Colônia Antônio Prado», ponto combinado para o encontro com o comboio, e trazer o mesmo para a Divisão. Esta seguiria, em marcha lenta ao nosso encontro, que deveria verificar-se nas imediações de Vila Velha, na região de Vacaria.

Partimos imediatamente e, para chegarmos o mais depressa possível ao nosso destino, foram aproveitados todos os atalhos possíveis e avançamos assim, através dos campos à montanha, passando por matos e seguindo defiladeiros estreitos à beira de precipícios, movimentando-nos sempre, dia e noite. Após dias seguidos, viajando nestas regiões acidentadas, alcançamos finalmente, outra vez os campos abertos.

Numa elevação deparamos, cavalgando em nossa direção, pequeno número de soldados de cavalaria. Estacaram, de repente, dando a volta, desapareceram a galope.

O nosso Comandante mandou o Batalhão tomar posição de ataque. O grande Pavilhão foi destraldado e conduzido à cabeceira da unidade, enquanto o corneteiro entoava o dobrado de campanha. Um piquete seguiu na dianteira, para fazer as investigações necessárias para a orientação, pois nem sabíamos se os componentes de cavalaria avistados pertenciam a um corpo de correligionários ou de adversários.

Meia hora antes chegamos ao cume daquela elevação do campo, voltou o nosso piquete com a notícia, que os soldados avistados eram correligionários, pertencentes a um esquadrão em fase de formação e treinamento, para ser integrado à nossa divisão. Surpreendidos com o nosso avanço, quiseram voltar às pressas a seu acampamento, para comunicar o fato, o que só poucos conseguiram, pois também os cavalos haviam-se assustado com a nossa presença. Partiram em disparada desenfreada, os ensilhados como os que se encontravam soltos no campo, e soubemos mais tarde, que parte de animais e cavaleiros só voltaram dias depois.

Após breve parada, o nosso Batalhão continuou a jornada, na velocidade de antes.

A meio dia de distância da Colônia Antônio Prado, quando ocorre a alteração topográfica, onde terminam as campinas e começam as regiões de mata virgem da Serra Geral, pousamos finalmente, retazendo-nos das fadigas,

à espera do comboio de munição e armas.

Este chegou, apenas, alguns dias depois. Era composto de 500 béstas carregadas de bruacas pesadas, escoltadas por uma guarda de uns 20 a 25 soldados, sob o comando de um capitão de nome Ruivo.

Agora nós deveríamos assumir, vigiar e conduzir o transporte adiante, que, além de armas e munições, continha também uma grande remessa de dinheiro.

Iniciamos, imediatamente, a marcha com destino a Vila Velha, empenhados na maior vigilância, dia e noite. Durante a noite foram postos guardas e sentinelas reforçadas, em tôdas as direções, e a maior parte dos oficiais passou noites a fio de vigília.

À distância de meio dia de viagem de Vila Velha, encontramos com a Divisão.

Armas e munições foram agora distribuídas às diversas Brigadas, que, por sua vez, as repartiram entre os seus Batalhões. Como vários destes ainda se encontrassem dias de viagem longe do resto da Divisão, ficou a parte destinada aos mesmos, durante mais tempo ainda, sob a nossa guarda e responsabilidade.

Também o dinheiro foi distribuído, de conformidade com os respectivos soldos. Assim recebeu cada soldado 50\$000 rs; um alferes 100\$000 rs; o capitão 250\$000 rs; o major 500\$000 rs; o Tte. Coronel 750\$000 rs; e o Coronel 1.000\$000 rs.

Iniciamos, agora, a jornada de retôrno, em direção nordeste, com rumo sôbre Vila Velha à Serra do Oratório. Segundo informações recebidas, encontravam-se ali as tôrças do Coronel Salgado.

Pouco antes de alcançarmos Vila Velha, fomos surpreendidos, à tarde, por um temporal, caíndo verdadeira tromba d'água. Os raios passavam horizontalmente sôbre a campina, na altura, apenas, entre 10 a 20 m, sendo atingidos e mortos um soldado e quatro muares de carga.

Uma desenteria maligna grassava entre os componentes da Divisão, chamada «cole-ina», fazendo grande número de mortos, enquanto outras vítimas estavam tão enfraquecidas, que mal se aguentavam em pé.

O nosso companheiro, Coronel Dr. José Bonifácio da Cunha, que havia sido nomeado médico da Divisão, dedicou-se com máximo empenho ao tratamento dos doentes, e medidas de profilaxia para o combate da epidemia. Mandou buscar de lugares distantes a vários dias de viagem, os respectivos remédios, que, contra a doença perniciosa, entretanto não fizeram efeito.

Lembrado de um remédio que nos ensinaram em casa, usado com bom resultado durante uma doença intestinal infecciosa em Blumenau, fui ao comandante comunicar-lhe o caso, dizendo que eu me encarregaria de preparar as porções de sal e pedra hume, se estes ingredientes para o remédio me fossem fornecidos. Este concordou, e já no dia seguinte, eu recebi o material necessário. Procedi ao processo de refinação, com uma garrafa usada como rôlo sôbre uma tábua, e preparei envelopinhos, contendo tanto de sal quanto cabe em uma ponta de faca, e a porção dupla de alumen, ou seja pó de pedra hume. O Comandante mandou distribuir o «remédio» a quem quizesse, e os respectivos doentes que o tomaram, se curaram todos, desaparecendo a epidemia dentro de poucos dias.

A Divisão chegou novamente ao limite de Santa Catarina. Antes porém, de realizar-se a passagem sôbre o Rio das Contas, chegou a notícia da presença do contingente adversário nas proximidades.

O General reuniu-se em Conselho com os comandantes das Brigadas, estabe-

lecendo o plano de combate.

Declarou, aí, o Coronel Menna Barreto, Comandante da 1ª. Brigada, que êle, de maneira alguma, participaria do ataque, que esta campanha era uma guerra fratricida, contra a qual a sua conscência se rebelava.

Em vão procurou-se chamar o homem obstinado à razão, apontando-lhe o seu dever como militar, sujeito às ordens do General. Tudo ficou sem efeito.

Logo mais êle comunicava, por escrito, ao General que êle, de comum acôrdo com a officialidade de sua Brigada, havia decidido, nesse momento, a partida imediata.

O General e os Comandantes das demais Brigadas, hipotecando êstes todos o propósito de cumprir o seu dever militar, e a solidariedade com as ordens do General, estudaram o caso, com duas soluções possíveis: a de obrigar a Brigada Menna Barreto, à força de armas, à obediência, ou de deixá-la partir voluntariamente, arriscando o ataque ao inimigo com as Brigadas restantes.

Antes do início da organização para o combate, formou a Brigada Menna Barreto para a retirada. Segundo fôra combinado, não tomou-se conhecimento do fato.

A Divisão Salgado havia alcançado o planalto, subindo de Tubarão o caminho que segue o rio Oratório, e avançando lentamente, em direção ao Rio Grande do Sul. Depois do encontro de sua vanguarda ali, há mais ou menos três semanas, nas colinas da região de Vila Bela, esta havia batido em retirada, unindo-se à sua Divisão para esperar, certamente, condições mais oportunas para, de qualquer jeito, conseguir a escapada ao Rio Grande do Sul.

Além da estrada com passagem sôbre o Rio das Contas, principal via de comunicação entre os dois Estados, soube-se da existência de outro caminho, uma picada que antes da entrada da estrada geral na floresta, desembocava na mesma.

Como se conjunturava que a Divisão Salgado não estava mais em condições de grande resistência, foi decidido fazer o cêrco. A Divisão Norte ia atacá-la pela retaguarda, enquanto uma de suas Brigadas devia seguir pelo mencionado segundo caminho, para barrar o avanço do contingente inimigo pela estrada geral, no já mencionado ponto, onde o atalho desemboca nesta via de comunicação com o Rio Grande do Sul. Com o avanço pela picada que, segundo as informações, passava por regiões íngremes, e pouco aproveitadas as vezes mal distinguida através do mato, foi incumbida a 6ª. Brigada, à qual pertencia o Batalhão, no qual eu estava integrado.

O plano era ótimo, mas o caminho era o que de péssimo se poderia imaginar.

Começamos a sortida frenética sem descanso, avançando noite e dia. Galgamos morros, descendo, depois, a grotas profundas, andamos sobre rocha e à beira de precipícios, na floresta densa, impedidos por cipós e espinheiros, e atravessando arroyos. Por vezes julguei impossível mesmo, persistirmos neste avanço, mas sempre conseguimos o objetivo, e alcançamos o ponto combinado.

Mesmo assim chegamos tarde, tarde demais! Tivemos o prazer duvidoso de encontrar ainda 33 inimigos, mas todos êles estavam mortos! Em longas fileiras estavam êles prostados à beira da estrada, todos com o pescoço cortado.

Após a partida da Brigada Menna Barreto, a vanguarda da Divisão Norte havia sido confiada à Brigada do Cel. Salvador Pinheiro Machado, oficial de uma bravura incontestável, mas de tal impetuosidade, que levou-o a desrespeitar o plano pré-estabelecido, ou seja o avanço lento, para dar tempo à 6a. Brigada de chegar ao ponto estratégico, para interceptar a possibilidade de fuga do contingente Salgado, alcançou-a em marcha acelerada, fazendo uns quarenta prisioneiros. De ambos os lados verificaram-se umas dúzias de baixas.

Certamente foi melhor mesmo, que o plano tivesse falhado, pois se chégássemos a tempo para barrar a fuga do adversário, as baixas de lado a lado, seriam incalculáveis. Ou, caso os inimigos se entregassem, o que teríamos feito com tantos prisioneiros?

Ainda assistimos casos isolados da luta entre a vanguarda da nossa Divisão e a retaguarda do inimigo. Assim um soldado adversário era tão valente, que não se entregou, e a luta cessou quando dele só restava um amontoado de sangue. De uma posição estrategicamente escolhida, ele atirou enquanto lhe restava munição tendo ferido vários dos nossos soldados. Depois se defendeu com a espada contra a investida de um grupo dos nossos morrendo perfurado e a golpes de espada.

Os mortos no combate foram inumados imediatamente, só que no túmulo dos nossos colocava-se uma cruz, enquanto a cova do adversário não era assinalada.

Vi também, como entre os «mortos» do inimigo, encontraram um ainda com vida. Deram parte do caso, ao Comandante, que mandou dar assistência ao mesmo e trazê-lo como prisioneiro. Trataram bem o coitado, e perguntaram se queria qualquer coisa, quando este pediu água. Um negro prontificou-se a trazê-la dentro do chapéu. Momentos depois chegou por trás do ferido, dizendo «aquí está a água», puxando já a cabeça do mesmo para trás e cortando-lhe a garganta com golpe de navalha. Vi aí a habilidade destes «degoladores». Ao Comandante, comunicaram, mais tarde, que o ferido falecera.

As tropas do Coronel Salgado partiram novamente, serra abaixo, em direção a Tubarão, onde os habitantes ficaram pouco contentes com a nova visita do hóspede eminente.

Começaram aí novamente as requisições de gado, mas isso sem protocolo e entendimentos. Os soldados pegavam e levavam simplesmente tudo que encontravam.

Em Pedras Grandes, nas proximidades da cidade de Tubarão, Max Baier, funcionário da Estrada de F. Tereza Cristina e proprietário de um sítio bem instalado viu tal procedimento da porta de sua casa.

Gritou protestando, dizendo que se entendessem primeiro com êle, que êle era o proprietário dos cavalos que êles estavam pegando com o laço. Os soldados não lhe deram a mínima atenção, ignorando-o absolutamente.

Baier agarrou a espingarda, dizendo que viessem agora mesmo apresentar as respectivas ordens do comando. Os soldados persistiram na sua faina, até que pegaram e amarraram os cavalos que queriam.

Então correram á casa de Max Baier, e, dando-lhe um tiro no ventre, investiram sôbre êle com golpes de espada. A espôsa procura abrigá-lo e implorou por êle. Debaixo de xingações, empurraram a pobre mulher, perseguindo o ferido, que procurou abrigar-se atrás e abaixo dos móveis, gemendo de dôres, mas os brutos não descansaram de dar-lhe golpes de baioneta e de atirar sôbre êle, até que o torturado silenciasse para sempre.

O caso não teve a mínima consequência para os soldados de Salgado, e também não se tomou nenhuma providência em favor da família do assassinado.

O General da Divisão Norte não teve interêsse de levar a batalha àquela região. Assim não perseguimos o Coronel Salgado, mas voltamos, lentamente, de novo aos campos abertos.

Fazia, nos últimos tempos, um frio horrível, soprava o noroeste chicoteando a região, tocando uma chuva fininha, que, sobre a pele, dava a impressão de estar produzindo cortes. A tais épocas de chuva seguiram-se dias magníficos, de frio agradável, com uma visibilidade extensa sobre as planícies.

Por vêzes passamos por pequenos lagos, onde víamos, com interêsse, representantes da fauna, desconhecidos ou raros na nossa região, ou seja o litoral, garças, de pernas longas passeavam nas margens, e várias espécies de saracuras, enquanto grande número de patos selvagens nadavam sôbre a superfície reluzente. Tôdas estas aves eram mansas, não se assustavam o mínimo com a presença ou passagem das tropas.

Ninguém, mesmo, lembrou-se de hostilizar êstes animais. Atirar, além do mais não era permitido.

A nós, caçadores apaixonados, isto custou-nos certo sacrifício; custou á mão não apertar o gatilho!

Nem nos lembramos, entretanto, de manifestar tal desejo, que seria interpretado como sacrilégio!

Tudo depende da interpretação. Praticavam-se horrores contra o adversário humano, mas abater uma ave indefesa, não. Quem fizesse isso seria certamente um desalmado.

AOS NOSSOS LEITORES

Por lamentável descuido a numeração das páginas do nosso segundo número deste tomo foi repetida, quando é nosso intento numerá-las seguidamente para facilidade do índice no final dos 12 cadernos de que se comporá o Tomo VII.

Queiram, pois, anotar que o segundo "Caderno" deveria estar com as páginas numeradas de 21 a 40 e, não de 1 a 20 como saiu.

Neste número estamos corrigindo a falha.

HISTÓRICO DO TERRENO DA "CASA DR. BLUMENAU"

É interessante conhecerem-se as várias circunstâncias que rodearam as transferências aos seus diversos proprietários, do terreno sobre o qual foi, em 1963, construído o prédio da Biblioteca Pública Municipal "Dr. Fritz Müller. Por ocasião do Centenário de Fundação de Blumenau, em 1950, esse terreno foi doado pelas snras. D. Edith Gaertner e D. Else Seibel (filhas do sr. Victor Gaertner, sobrinho do dr. Blumenau) à Sociedade dos Amigos de Blumenau.

Conforme documentos conhecidos, como uma carta do dr. Blumenau, datada de 10 de maio de 1852 (publicada em «Blumenau em Cadernos», Tomo VI, n.º 6), o referido terreno fazia parte, então, não só da concessão colonial do mesmo empreendedor, mas da área cercada em volta da sua moradia, que compreendia o complexo formado pela atual Praça «Hercílio Luz», Clube Náutico «América» e Alameda «Duque de Caxias» (Rua das Palmeiras). Falando o fundador da nossa cidade, nessa carta, que possuía uma casa típica da região, e, ultimamente, outra, maior e mais confortável, e descrevendo a primeira como «a casa velha», não sabemos se o mencionado terreno não foi uma das propriedades compradas pelo Dr. Blumenau de segunda mão. Sabe-se que adquiriu uma na margem do Ribeirão Garcia, de proprietários vindos de Camboriú (então chamado Garcia, sendo que este «pessoal do Garcia» é que deu causa ao nome do ribeirão, em cujo vale o dr. Blumenau demarcou e vendeu, a 18 de agosto de 1852, os primeiros lotes coloniais.)

O primeiro proprietário conhecido, portanto, foi:

1.º) o Dr. Hermann Blumenau

Uma escritura, do próprio punho do Dr. Blumenau, datada de 18 de março de 1858 (que existiu no nosso Arquivo Municipal) declara ter êle vendido a referida área de terras a

2.º) Minna Maria Goerner.

Outro documento, que também existiu no Arquivo, é uma declaração do sr.

3.º) Eduardo Boettger

que declara ter vendido a propriedade, a êle cedida pela sra. Minna Maria Goerner, em 30 de setembro de 1861 ao sr.

4.º) C. W. Eduardo Schadrack.

Mais outro documento, também existente no Arquivo, é o traslado de uma escritura de 27 de abril de 1863, passada em Florianópolis, então Destêrro (Registrada no Livro de Notas n. II, fls. 14 e verso e 15) pela qual o sr. Eduardo Schadrack, em carta datada de 14 de maio de 1862, de Hamburgo, autorizava os seus procuradores, a firma Meyer & Spierling, de Blumenau, a venda do citado terreno ao

5.º) Dr. Hermann Blumenau.

Êxiste ainda o ato de doação, por parte do Dr. Blumenau, então residente na Alemanha, através de seu procurador, sr. Henrique Probst, à

6.º) - Sociedade «Neue Schule zu Blumenau»

(Escola Nova de Blumenau), sob a clausula «sem condição alguma», em 1890, a 12 de abril.

A escritura de venda do terreno, após a mudança da Escola Nova para outro prédio (atual Colégio Normal «Pedro II») á família Gaertner, não se encontrava no arquivo.

Figuras do presente

Dr. Guilherme Renaux



«Blumenau em Cadernos» sente-se honrada em prestar uma homenagem ao Dr. Guilherme Renaux, Diretor - presidente das Industrias Renaux, de Brusque e Presidente da Confederação das Indústrias de Santa Catarina.

S. Excia, merece este preito de reconhecimento da nossa parte, não só pela sua posição social, como pelo muito que êle tem feito em benefício desta publicação e do maior desenvolvimento cultural de todo o Vale do Itajaí.

Como o seu ilustre e inesquecível progenitor, o benemérito Cônsul Carlos Renaux, a quem Brusque tanto deve, o Dr. Guilherme Renaux não tem se equivado de contribuir, generosamente, para a concretização de quantas iniciativas visem

ao bem estar físico e moral dos catarinenses e, de um modo especial, dos que, com êle, colaboram no engrandecimento da pátria comum, no Vale abençoado que lhe serviu de berço.

Publicando o retrato e dados biográficos do distinto industrial, queremos significar-lhe a simpatia com que o vemos amparando e ajudando as boas causas, sempre cordial e paciente e, ao mesmo tempo, demonstrar-lhe a nossa admiração pelo seu incansável esforço, pela sua indormida atividade em prol do engrandecimento da sua terra, em todos os setores da atividade de seus filhos.

O dr. Guilherme Renaux, que é engenheiro agrônomo, nasceu na cidade de Brusque a 2 de novembro de 1896. É filho do cônsul Carlos Renaux e de sua esposa Selma Wagner, descendente de um dos pioneiros da colonização do Vale do Itajaí, Pedro Wagner. É casado com Dona Alma Melcop Renaux, tendo o casal quatro filhos: Ingo Arlindo, Ilka, Ruth Ivone

e Gabriele. Depois de feito o curso primário na Escola Evangélica de sua terra natal, fez o curso secundário no Colégio Catarinense, de Florianópolis e no Colégio Paula Freitas, no Rio de Janeiro. Em 1915, ingressou na Escola Politécnica, especializando-se em matemática superior, física, química, biologia e mineralogia. Em 1917, prosseguiu seus estudos na Escola Superior de Agricultura e Veterinária, onde colou grau, com distinção, como engenheiro agrônomo, em 1920.

Como prêmio aos seus esforços e incontestáveis méritos, o governo conferiu-lhe uma viagem de aperfeiçoamento à Europa, tendo ido a Suíça e aos Estados Unidos. No primeiro desses países foi aluno do Professor G. Martinet. Em 1921 empreendeu demoradas viagens pela América do Norte, visitando os centros agrícolas mais importantes daquele país. Regressando a Brusque, ali tentou a cultura do algodão em bases científicas, chegando à conclusão da sua impraticabilidade em virtude da instabilidade meteorológica da região. Contratado, em 1925 pelo governo do Estado de São Paulo, participou da campanha do fomento da produção do algodão, tendo, juntamente com o seu colega dr. Raymundo Cruz, cultivado e aperfeiçoado várias espécies de algodão apropriadas ao clima e ao solo paulista. Foram esses trabalhos do dr. Renaux e do Dr. Raymundo Cruz Martins que criaram condições para que o Estado de São Paulo pudesse iniciar o cultivo intensivo do algodão e, assim, concorrer com os produtos de outras procedências.

Retornou a Brusque em 1927 e aí, a pedido de seu pai, o Cônsul Carlos Renaux, dedicou-se à cultura da mandioca, dirigindo as várias fecularias da Empresa. Em 1928, foi eleito membro da diretoria da Fábrica Renaux, sendo, em 1937 eleito seu presidente, cargo que até hoje desempenha com critério e eficiência.

Introduziu no município de Brusque novas culturas como a do Capim Elefante, do teosinto, do sôrgo, do capim guiné, da soja e de espécies mais apropriadas de arroz e milho. É atual presidente da Federação das Indústrias de Santa Catarina e um dos vice-presidentes da Confederação Nacional da Indústria, diretor do Departamento Estadual do Serviço Social da Indústria (SESI) em Santa Catarina, presidente do Sindicato dos trabalhadores na indústria de tecelagem de Brusque e Itajaí, Associação Rural de Brusque e Superintendente das Indústrias Têxteis Renaux S/A.

Como se vê, a folha de serviços do dr. Renaux é das mais brilhantes e proveitosas ao país. Merece êle assim, estar na galeria das figuras da atualidade catarinense, com que esta publicação vem homenageando, como um preito de reconhecimento, àqueles que realmente trabalham e se esforçam para honrar e engrandecer a sua comuna e, com esta, a Pátria Brasileira.

Frederico G. Busch, o pioneiro da luz elétrica no Vale do Itajaí, publicava em maio de 1910, o seguinte aviso nos jornais locais: »Aviso. Em praça de Luz e Fôrça em Blumenau. Avisa-se aos moradores do distrito Gaspar, Gaspar Pequeno, Gaspar Grande, Garuba, etc., especialmente e aos moradores de Blumenau em geral, que no dia 15 de junho do corrente ano 1910- principia de funcionar a linha de corrente forte. Os fios estão SEMPRE carregados com a voltagem de 10.000 voltas. A ninguém é permitido tocar nesses fios, nem mesmo indiretamente. Comunicar com esses fios resulta morte imediata. Maio de 1910». Foi no citado dia 15 de junho que Blumenau teve, pela primeira vez, fôrça elétrica Luz elétrica. Blumenau já possuía desde 1907,

DEMONSTRAÇÕES DE SIMPATIA

Durante a realização, em Blumenau, da Primeira Convenção Hoteleira do Sul, de 15 a 22 de novembro do ano passado, centenas de hoteleiros de São Paulo, Paraná, Sta. Catarina e Rio Grande do Sul concentraram-se nesta cidade, onde permaneceram uma semana, cercados, sempre, do carinho e da simpatia da população local. Várias festividades foram promovidas em homenagem aos visitantes.

Êstes, de tal forma se sentiram comovidos e entusiasmados com as expressões de agrado da população blumenauense que, por sua vez, não sabiam como corresponder às gentilezas com que eram acolhidos em tôda parte.

Concêrtos, bailes, reuniões sociais, passeios pelo interior do município foram proporcionados aos visitantes, esmerando-se a população local em cercar êsses atos de quantos detalhes pudessem traduzir os seus sentimentos de cortialidade, de simpatia pelos convencionais.

Os hoteleiros, por seu turno, tudo fizeram para demonstrar o seu reconhecimento. E assim é que, durante diversas das reuniões dançantes, em meio à alegria e ao entusiasmo que a Dreher S/A. veio estimular com a distribuição generosa dos seus vinhos, alguns convencionais mais inspirados fizeram versos para serem cantados com melodias em voga e que as nossas orquestras executavam nos bailes organizados em homenagem aos visitantes.

Damos abaixo algumas dessas poesias. Cantadas com entusiasmo, primeiramente pelos convencionais, contagiaram o ambiente de forma que, em poucos momentos, nos salões do «Carlos Gomes» e do «Aquarium» todo mundo cantava e dançava de alma e coração abertos, como numa legítima festa em família.

Abrimos espaço nesta revista a alguns dos versos dos convencionais hoteleiros para que êles se perpetuem e sirvam como amostra, aos blumenauenses do futuro, de como os blumenauenses de hoje sabem acolher, com amizade e carinho, os que aqui chegam confiantes na nossa estima e no nosso apreço.

SALVE BLUMENAU

(Música de: Ó Minas Gerais)

Salve, Blumenau,
Salve, Blumenau,
Terra gostosa onde nada é mau.
Salve, Blumenau.

Quando Deus fêz o mundo, por certo
Num lugar êle quiz caprichar
Escolheu Blumenau, e deu certo,
E a coisa ficou de abafar.

Deu-lhe o rio e as flôres mais lindas,
E o alemão ali pôs pra morar.
E êste fêz coisa ainda mais linda:
«Uma choppe prra xente tomarr»,

Salve, Blumenau, etc.

Hoteleiros que são sempre unidos,
E que sabem que bom é viajar,
De São Paulo vieram contentes,
Seus colegas do Sul abraçar.

O Luchessa, o Fredi Johnscher e o Kurt
Os amigos já estão a esperar,
Prá com os de Santa Catarina
«Uma porre a xente amarrarr».

Salve, Blumenau,

Salve, Blumeuau, etc. . . .

EU VOU PRA BLUMENAU

(Música da: "Polka, mein Schatz")

E. . . . tchau:

Eu vou-me embora,
viajo pra Blumenau,
pra Blumenau,
pra Blumenau!

E. . . . Tchau!

Vou ver as moças loiras
de Blumenau.
de Blumenau. Tchau, tchau!

Na Convenção da Hotelaria
eu preciso me embarcar;
beber cerveja até o momento
não poder mais aguentar.

E. . . . tchau!

Quando eu voltar
da terra de Blumenau
vou te contar,
vou te contar.

E. . . . tchau!

Te contarei o que encontrei
em Blumenau,
em Blumenau. Tchau, tchau!

Eu te direi que aquela terra
é um recanto de jardim!
eu te direi que aquele povo
gravou sua lembrança em mim.

E. . . . tchau!

Quando eu voltar
saudoso de Blumenau.
eu vou chorar

por Blumenau.
E... tchau!
Vou dar o meu abraço a Blumenau
a Blumenau. Tchau, tchau!

ADEUS BLUMENAU

(Música do: «Cielito Lindo»)

Ai, ai, ai, ai...
Já chegou a hora.
Por isso eu te digo: "Adeus Blumenau!"
pois tenho que ir embora.

Nós viemos, felizes,
pra vermos de perto
o Itajaí e a tua magia,
e agora voltamos pra casa
com a alma cheia de nostalgia.

Ai, ai, ai, ai...
Já chegou a hora.
Por isso eu te digo: "Adeus Blumenau!"
pois tenho que ir-me embora.

Da grande São Paulo
trouxemos o abraço
a esta cidade-menina,
que por mil e umas razões
é o grande orgulho de Santa Catarina.

Ai, ai, ai, ai, etc. etc.

Tu és grande no amplexo
do teu povo ordeiro,
valente, operoso e brilhante:
nós te abraçamos com orgulho,
pois teu futuro será gigante.

Ai, ai, ai, ai, etc. etc.

—BLUMENAU EM CADERNOS—

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1.000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

ACHEGAS À HISTÓRIA DA NAVEGAÇÃO DO RIO ITAJAÍ AÇU

Por quase 30 anos, a comunicação de Blumenau com o resto do mundo foi feita em canoas e pequenos barcos a vela, pelo rio Itajaí Açu. Pela margem direita do rio havia apenas uma picada que mal dava passagem a cavaleiros.

Pode-se, pois, bem imaginar com que festas e entusiasmo a população recebeu o seu primeiro navio a vapor, o «Progresso», em 1879, de propriedade da «Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajaí-Blumenau», fundada no ano anterior por elementos do comércio e indústrias de Blumenau e de Itajaí e cuja incorporação esteve a cargo de Luiz Sachtleben. Este possuía 109 das 275 ações da Companhia. O navio de rodas, fôra construído na Alemanha, nos estaleiros de «Schlicksche Flussdampferwerk» em Dresden, e, depois de atravessar o Atlântico, a reboque de outro barco, em dia de meados de 1879 apitou vitoriosa e triunfalmente, na curva da Volta do Capim, anunciando aos blumenauenses uma nova era no seu desenvolvimento econômico. Vinha comandado pelo sr Friedrich Kuhlmann. Era gerente então da Companhia o sr. Carlos Meyer, da firma Meyer & Spierling, que tinha grande casa de secos, molhados e fazendas na rua das Palmeiras, nas imediações da sede da Fôrça e Luz.

Já no ano seguinte, em 1880, o «Progresso» teve oportunidade de mostrar à população blumenauense os seus préstimos em missão diferente da de transportar cargas e passageiros daqui para Itajaí e de lá para cá. Houve, naquele ano, a maior enchente que Blumenau já teve. E os serviços de salvamento que o «Progresso» prestou foram preciosíssimos. Passando sôbre as copas das palmeiras, êle ia recolhendo os que se viam em perigo nas casas inundadas, algumas, outras completamente submersas, transportando-os para os postos de socorro instalados no alto da Igreja Protestante e no da Matriz Católica. (É preciso, entretanto, que se diga que, então, as palmeiras da atual alameda Duque de Caxias estavam apenas no comêço de seu crescimento, tendo, talvez os seus cinco ou seis anos). Foi, por muitos anos, maquinista do «Progresso» o sr. Alfredo do Canto, que aqui residiu com sua família, muito relacionada com a melhor sociedade blumenauense e cuja esposa Dona Sinhá era íntima amiga das senhoras Paula Ramos e Bonifácio Cunha. Posteriormente, o «Progresso» foi comandado por Carlos Jansen que residia no prédio situado no entroncamento das ruas Itajaí e 15 de Novembro, onde esteve instalado o Hotel Estrêla. A viúva de Carlos Jansen casou-se com o industrial Walter Schmidt que ainda vive, forte e lúcido, com mais de 90 anos de idade. Por fim, comandou o «Progresso» o sr. Gustavo Hacklaender que, por ocasião das comemorações do Centenário de Blumenau, com justo orgulho e ufania de seu glorioso passado, tomou parte no desfile alegórico, à roda do leme de um simulacro do seu glorioso barco.

Com a vinda do vapor «Blumenau» e alguns anos depois, o «Progresso» foi transformado em simples lancha de reboque e nessa qualidade, prestou ainda grandes serviços ao comércio e indústrias locais.

O «Blumenau» fêz a sua primeira viagem de Itajaí a Blumenau a 14 de outubro de 1894 e sôbre ela ainda contaremos muita coisa aos nos-

... dos leitores.

Em 1904, quando o «Progresso» completou 25 anos de viagens regulares entre Blumenau e o pôrto de Itajaí (9 de dezembro), a data foi festejada condignamente. O valente barco chegou ao pôrto de Blumenau toda engalanado, enfeitado com palmitos e bandeiras, quando espoucaram os foguetes e a Banda Werner rompeu num furioso dobrado que chegava a abafar o ruído das rodas do barco a sulcar as águas mansas do rio. Gente em penca aplaudia, espalhada pela praça e pelo caminho de acesso à rua 15. Foi um dia de festa. E para que o «Progresso» não passasse «em sêco» o dia do seu jubileu de prata, os diretores da Companhia de Navegação, os seus amigos e fregueses, o comandante e a tripulação do navio cairam numa rodada de chopp que varou a madrugada...

E bem que o herói mereceu as homenagens, Completando 25 anos de um trabalho dos mais proveitosos à coletividade blumenauense.

E o «Blumenau», seu sucessor, lá do outro lado da ponta Aguda, deve estar recordando isso tudo, a história de quase um século de navegação do Itajaí Açú lamentando o destino que o colocou ali a apodrecer à vista do pôrto que por tantos e tantos anos êle serviu com dedicada solicitude.

Triste fim de outro herói...

Quando a gente, para matar o tempo, põe-se a percorrer os jornais antigos, para ver como era a vida nos anos passados, neste nosso querido Blumenau, encontra muita coisa que merece ser reeditada. Coisa para chorar e coisa para rir.

Êste anúncio, por exemplo, que publicou um dos nossos dois jornais, em setembro de 1900, merece transcrição:

«Por proposta do sr. Carlos Schaefer, a «Volkverein» (Sociedade Popular) deveria elaborar uma lei para submeter à apreciação e a aprovação da Câmara Municipal, protegendo as abelhas contra o extermínio em massa pelos proprietários de engenhos de açúcar. Temos a declarar que nós, proprietários de engenhos de açúcar, não apenas temos que pagar os nossos impostos à Câmara, mas ainda temos que suportar o furto, por parte das abelhas, de grande quantidade de açúcar de que, por justa razão, os apicultores deveriam nos indenizar. Quem nos protegerá contra êsse roubo? A Sociedade Popular? — E assinavam: Muitos donos de engenho de açúcar de Blumenau.»

A reação dos donos de engenhos de açúcar contra a proposta do sr. Carlos Schaefer, entretanto, deu resultados bem salutaros, pois, a Sociedade Popular, assistida por alguns apicultores competentes, convocou reuniões com apicultores e proprietários de engenhos de açúcar (que eram em grande número em Blumenau e que o Instituto do Açúcar e do Alcool foi acabando ao ponto de extingui-los por completo), reuniões de que resultaram providências que protegeram as abelhas das grandes mortandades que sofriam nas caldeiras de melado, sem que os proprietários de engenhos sofressem os prejuízos de que se queixavam.

Pelos idos de 1900, os professores particulares de Blumenau (eram perto de cem e Blumenau abrangia todo o território da Baía do Itajaí) trataram de organizar uma associação que pudesse melhor defender os interesses da classe. Seria a «Lehrer Verein», que realmente foi criada pouco depois.

Justificando a urgente necessidade dessa providência, um dos interessados publicou uma nota nos jornais da época, pela qual chegaram ao nosso conhecimento fatos relacionados com os abnegados mestres blumenauenses que, de outra forma, ficariam desconhecidos da atual geração que dispõe de boas escolas e de professores realmente capazes.

A vida do professor colonial era dura. Tinha que lecionar pela manhã e, à tarde, dar mão à enxada na horta e na roça. Do contrário passaria miséria. Não admirava, pois, que, muitos deles, eram pouco mais que analfabetos.

Mas, demos a palavra ao autor da nota a que nos referimos, trazendo-a mais ou menos literalmente:

«Os minguados salários do professor da colônia são uma velha cantiga. E quando se sabe que um professor é pago com 25\$000 (Cr\$ 25) por mês, também pode se imaginar qual seja o seu preparo intelectual. A Associação dos Professores está sendo organizada para mudar esse estado de coisas. Tem até professores que não chegam a ganhar 10\$000 (Cr\$ 10) por mês. Há pouco nós vimos um anúncio escrito por um professor que contava tantos erros quantas palavras tinha. Ter um professor que ganhe apenas 10\$000 por mês, é melhor não ter nenhum. Para solucionar esse problema é que está se fundando a Associação, cujas primeiras providências devem ser mudar essa triste situação, afastando das escolas elementos incapazes, sem o preparo mínimo exigido». E, naturalmente, acrescentamos, fazendo as «Schulgemeinde» pagar melhor os professores que contratassem. Está aí um assunto interessante para quem queira escrever a história da instrução primária em Blumenau.

Satirizando a notícia do encalhe, em junho de 1901, do vapor «Laguna» na entrada do porto que lhe deu o nome, no Sul do Estado, um jornal local escrevia: «Isto fa-nos lembrar do tempo em que o «Humaitá» era o nosso navio costeiro. O comandante desse navio, naquele tempo, arranjara uma namorada em Laguna. Ninguém tinha nada com isso. Mas o diabo era que toda vez que o vapor entrava o porto de Laguna ia dar com o casco na praia e, até que êle fôsse desencalhado e pôsto em condições de seguir viagem, o comandante tinha tempo de se entender com a pequena. . . O pior é que, com esses encalhes nós, aqui em Blumenau, físemos correio (O «Laguna» e antes dêle o «Humaitá», o «São Lourenço» e outros navios costeiros é que transportavam as malas postais de Florianópolis e do Rio para Itajaí). É verdade, continua o jornal, que se fala no estabelecimento de uma linha postal terrestre, que trará o correio três vezes por semana de Florianópolis para Itajaí. Mas isso parece que não se realizará, pois, segundo se diz, o estafeta que seria indicado, tem por princípio ficar em casa quando faz bom tempo e não viajar quando o tempo é mau. . .

JÓIAS — RELÓGIOS — BIJOUTERIAS
PORCELANAS E CRISTAIS.

ÓTICA ESPECIALIZADA

OBRAS DE OURIVES E CONSERTOS DE:
JÓIAS E RELÓGIOS,

OFICINA PRÓPRIA

Artigos finos para presentes

CASA HUSADEL S/A.

(CASA FUNDADA EM 1897)

Rua 15 de Novembro, 801 — Caixa Postal, 44

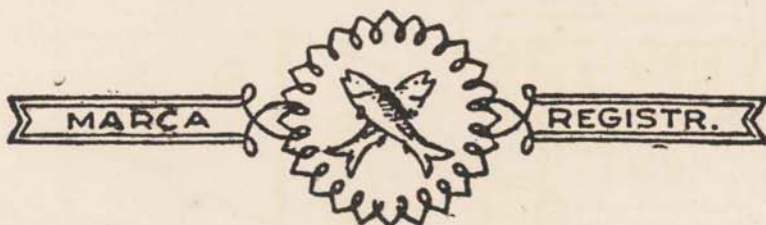
Telefone, 1057 — Telegramas: «HUSADEL»

BLUMENAU — SANTA CATARINA

INDÚSTRIA TÊXTIL

COMPANHIA HERING

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL, N.º 2
TELEGR.: «TRICOT»



Fábrica de Artefatos de Malhas

— FUNDADA EM 1880 —

CONTRIBUINDO PARA A
GRANDEZA DO BRASIL
EM SEU COMÉRCIO
E INDÚSTRIA.